



# História da Matemática

Editor  
*Luís Saraiva*

---

## ALGUMAS NOTAS SOBRE JOSÉ ANASTÁCIO DA CUNHA, ENQUANTO MILITAR

*Silvino da Cruz Curado*<sup>1</sup>  
Academia Portuguesa da História  
Comissão Portuguesa de História Militar

*“... Um daqueles homens raros que nas nações cultas costumam aparecer.”*  
General MacLean

*“... An extraordinary genius, now living at Valença”*  
Major Simão Fraser

*“... Notre divin ... adorable Anastase ...”*  
D. Rodrigo de Sousa Coutinho

*“... Je n'ai été qu'un soldat”*  
José Anastácio da Cunha

Não sendo possível recusar o amável convite do Senhor Professor Luís Saraiva, apresento-me a esta Assembleia, sem outra bagagem que a admi-

---

<sup>1</sup> Tenente-General do Exército na reforma, Académico de Mérito da Academia Portuguesa da História e Membro do Conselho Científico da Comissão Portuguesa de História Militar. Este texto corresponde a comunicação apresentada no 25º Encontro do Seminário Nacional de História da Matemática, realizado a 15 e 16 de junho no Departamento de Matemática da Universidade de Coimbra e no Museu da Ciência da Universidade de Coimbra.

ração, seguramente partilhada por todos, pela genialidade de Anastácio da Cunha.

Não me proponho recordar a sua biografia a quem tão bem a conhece. Focando apenas a Matemática, fico-me por umas simples notas, recolhidas, sobretudo, na documentação do Arquivo Histórico Militar e, por generosa deferência da Senhora Professora Elfrida Ralha que muito agradeço, também no texto “Anedoctas de J.A.d.C”, do 5.º Morgado de Mateus<sup>2</sup>, discípulo e grande amigo de Anastácio.

Dar-me-ia por satisfeito se conseguisse dar alguma contribuição para as respostas às seguintes três perguntas:

1.<sup>a</sup> – Ao chegar ao Regimento de Artilharia do Porto, foi logo notado um nível elevado de conhecimentos e capacidades relativos à Matemática?

2.<sup>a</sup> – Em que medida contribuiu o Regimento e a sua Aula para o desenvolvimento dos referidos conhecimentos e capacidades?

3.<sup>a</sup> – O que se passou, de facto, no célebre encontro com o Conde de Lippe, em Almeida, e quais as suas consequências?

É conhecida a declaração de Anastácio que aprendera Matemática e Física por curiosidade e sem mestre, o que está de acordo com o autodidatismo do seu século. Como é que isso se passou?

Wolkmar Machado, ao contrário de Aquilino, valorizou o pai de Anastácio como pintor de perspectiva, com aperfeiçoamento em Roma, sendo natural que alguma coisa tivesse ensinado ao filho. Pelo que respeita à mãe, criada em casa de gente culta, devia ser uma senhora cativante e educada. São prova disso as manifestações de ternura com que se lhe referem, na correspondência, o coronel Ferrier, o Morgado de Mateus e D. Rodrigo de Sousa Coutinho, sendo deste a recomendação ao seu amigo Bezerra: “Ponha-me aos pés da Senhora D. Jacinta, a que amo verdadeiramente (permita-se-me esta expressão)”<sup>3</sup>.

O depoimento do Morgado é aqui extremamente valioso por ter ouvido Anastácio contar pormenores da sua formação. Assim, refere que o pai lhe deu algumas regras de perspectiva, quando lhe ensinava o desenho, as quais

<sup>2</sup>D. José Maria de Sousa Botelho Mourão e Vasconcelos, bacharel formado em Matemática, oficial de cavalaria, diplomata, conhecido, geralmente, pela monumental edição de “Os Lusíadas”. A publicação do referido texto encontra-se em preparação. “Anedota”, segundo os dicionários, é a narrativa sucinta de uma particularidade histórica. O sentido engraçado ou jocoso terá sido uma evolução.

<sup>3</sup>SILVA, 2002, p. 648. Noutra carta, p. 645 “... presentez mes respects and my duty a Madame D. Jacinthe”.

Anastácio, em carta de 8-09-1781 para o Morgado: “Mille Saudades de la part de ma chère Mère”

“lhe deram o gosto de aprender Geometria com um desejo que mostrava ser prelúdio de que ele ornaria, um dia as Matemáticas”. Depois, enquanto, nos Oratorianos estudava as Humanidades sem entusiasmo, decidiu-se a aprender Geometria e, como já sabíamos, começou pelos Elementos de Euclides em Tosca e em Gasset.

Pela novidade, vale a pena dar a palavra ao Morgado:<sup>4</sup>

*Adivinhando muitas das proposições, como o célebre Pascal, passava horas inteiras a meditar sobre esta ciência e logo lhe descontentaram os dois Autores pela sua superficialidade nas demonstrações e falta de conexão nos princípios. Um Padre, cujo nome não me lembro, foi o que lhe explicou algumas dúvidas e mostrou alguns Teoremas e, por esta admiração que semelhante aplicação causava em uma criança, lhe deu o Clairaut que mais o entreteve e que fez com que se não desgostasse totalmente das Matemáticas. . . ”*

Ainda que não seja indicado o que leu de Clairaut, parece lícito admitir que os escritos deste precoce matemático e astrónomo tenham representado um salto nos conhecimentos de Anastácio levando-o, talvez, a vislumbrar Newton e o cálculo diferencial e integral, e a alimentar as suas inquietas meditações científicas.

Convém recordar que se vivia, então, no País de Pedro Nunes, um período bem negro para o ensino das Matemáticas, tendo sido fechada a já decadente Aula da Esfera do Colégio de Santo Antão, embarcado para Itália o atualizado jesuíta Inácio Monteiro e desterrado para o Porto o oratoriano Teodoro de Almeida. Em 1761, foram publicados os estatutos do Colégio dos Nobres, mas o início das aulas só teve lugar em 1766, aliás com fracos resultados na esperançosa área científica.

Graças aos esforços de Manuel da Maia, resistia, no meio de tanto negrume, a luz bruxeleante, da Academia Militar da Corte. Não era uma quasi Faculdade de Matemática, como depois foi a Academia de Marinha, mas nela se ensinava a matemática necessária aos engenheiros e, ainda que Dumouriez<sup>5</sup> os tenha considerado muito ignorantes, foram eles que planearam e dirigiram a reconstrução de Lisboa!

Ora, segundo o Morgado de Mateus, a primeira vida que Anastácio quis abraçar foi a de engenheiro, pela inclinação a continuar as matemáticas e, tendo sido aceite, ainda foi uma ou duas vezes às aulas, mas acabou por seguir o conselho de amigos e ir para o Regimento de Artilharia do Porto, como 1.º tenente de bombeiros.

<sup>4</sup> Anedoctas de J.A.d’C., tradução do original em francês. É provável que o Padre fosse Teodoro de Almeida.

<sup>5</sup> DUMOURIEZ, 2007, p. 96.

O Morgado justifica a opção com a promessa do Conde de Lippe de “prontos aumentos” e sabe-se como ele era defensor de as promoções na Artilharia não dependerem da antiguidade mas, sim, do mérito científico verificado em exames<sup>6</sup>, critério que Anastácio não temia. Haveria, ainda, uma razão de peso para preferir, ao longo curso da Academia, uma patente de artilheiro, também ligada à matemática e com direito a soldo de imediato. Trata-se da morte do pai, em 1760, e da conseqüente necessidade de assegurar a própria sobrevivência e a da mãe.

Não encontrei documentos que justifiquem a nomeação direta para 1.º tenente da companhia de bombeiros, e não 2.º como por vezes se refere, sabendo-se que a tal companhia eram destinados os oficiais com melhor preparação científica. Poderemos aceitar, como hipótese provável, ter sido a rápida passagem pela Academia Militar a dar a conhecer os seus já excepcionais conhecimentos.

Em 1 de abril de 1762, quando os espanhóis se preparavam para transpor as fronteiras, tiveram lugar os exames de 22 discípulos da Academia Militar (ver Quadro 1)<sup>7</sup>, naturalmente com vista à sua utilização na emergência.

**Engenheiros Examinadores** (“costumados a fazer tais exames”):

- Sargento-Mor Filipe Rodrigues Oliveira. Era o **Lente** da Academia Militar da Corte.
- Sargento-mor Guilherme Joaquim Pais de Menezes.
- Capitão Elias Sebastião Pope. Autor de um dos projetos de reconstrução de Lisboa.
- Capitão Bartolomeu Peres Petroque

**Examinados 22 discípulos:**

- na maioria foram destinados a engenheiros, incluindo Manuel de Sousa, o tradutor de Bellidor.
- 5 foram destinados ao Regimento de Artilharia do Porto.
- 1 foi destinado ao Regimento de Artilharia da Corte (Companhia de Mineiros).

<sup>6</sup>O Alvará de 9-06-1762, antes da chegada do Conde de Lippe, já exigia “exame feito publicamente”. Depois, o Alvará de 4-06-1766, estabeleceu “... nenhum entrará nas Companhias ou postos delas para cima por antiguidades; mas sim por exames ...”, e em função destes prometiam-se aumentos nos soldos. Na prática não se deu seguimento às propostas de promoções e Anastácio não chegou a capitão.

<sup>7</sup>Elaborado a partir de: Arquivo Histórico Militar (AHM), doc. 3/5/9/33/1; 3/5/3/6/8; 3/5/3/6/10, 11 e 12.

**Quadro 1** – *Exames que se fizeram aos discípulos da Academia Militar da Corte, em 1 de Abril de 1762.*

O júri era constituído pelo experiente lente e por mais três engenheiros, entre os quais Sebastião Pope, o autor de um dos planos de reconstrução da capital. A maioria dos discípulos foi, como de costume, destinada a engenheiros mas, desta vez, 5 foram destinados à formação do Regimento de Artilharia do Porto. De notar, ainda, que um dos referidos futuros engenheiros, Manuel de Sousa, logo promovido a capitão, tradutor do “Curso de Matemática” e da “Nova teórica da ciência das minas”, ambos de Bellidor, para além de outras obras científicas e literárias, tinha sido discípulo dos oratorianos e, tal como Anastácio, convidado a ingressar na Congregação.

Suponho que ficaram indiciadas algumas das razões que devem ter levado Anastácio a Valença.

Somos assim chegados à criação do Regimento de Artilharia do Porto que considero ter sido levada a cabo com grande irresponsabilidade dos decisores de então (Quadro 2).

POSTOS	ANOS										
	64	65	66	67	68	69	70	71	72	73	
CORONEL	DIOGO (JAMES) FERRIER										
TEN-CORONEL	(a)		(b)			J. V. MIRON DE SABIONNE					
MAJOR		(b)		PEDRO A. GALEGO SOROMENHO							(c)

(a) – LUÍS (LOUIS) D’ALINCOURT

(b) – LUÍS PINTO DE SOUSA COUTINHO (major em 1764, ten-coronel em 1765)

(c) – SOROMENHO, preso a partir de 1771

**Quadro 2** – *Oficiais superiores do Regimento de Artilharia do Porto de 1764 a 1773 (período de permanência do 1.º tenente José Anastácio da Cunha).*

Incluída na reorganização do Exército de maio de 1763, a partir de um dos Batalhões de Infantaria do Porto, foi tal decisão alterada, em setembro seguinte, para ser levantado, sobretudo com novos recrutas, mas só o decreto de 5 de junho de 1764 lhe nomeou o primeiro núcleo de oficiais, tendo estes sido encaminhados para Valença, onde, afinal, nasceu o Regimento dito do Porto. Coube ao francês, tenente-coronel Luís D’Alincourt, com pouca experiência de quartel, como a maioria dos seus oficiais portugueses e estrangeiros<sup>8</sup>, a difícil tarefa de lhe dar início.

<sup>8</sup>Nem todos os oficiais estrangeiros tinham qualidade e conhecimentos de artilharia. D’Alincourt, logo em 31 de outubro, pediu para não lhe darem mais estrangeiros (AHM, doc 1/6/36/22/23-26). Ferrier propôs a saída de alguns do serviço de S.M. e doutros

Nada tinha sido preparado e, não existindo aquartelamento, forçou-se a pequena população a aboletar os militares. Entretanto, o Conde de Lippe partiu para o seu Estado<sup>9</sup> e, já esquecido o troar dos canhões, ninguém mais queria ouvir falar de Santa Bárbara. A desorganização e a tradicional endemia lusitana da falta de dinheiro, fortemente agravada pelas despesas da guerra, atacaram, sem piedade, os pobres soldados, recrutados para um serviço que nem sequer tinha duração fixada. D'Alincourt queixou-se de não haver armamento, camas e cobertas, de andarem os soldados miseráveis, rotos, nus, descalços e tolhidos do frio, razões que os levava a desertarem e, acreditando que só o Conde de Oeiras, por cujas mãos tudo tinha voltado a correr, poderia dar solução a estes e outros problemas, meteu-se a caminho de Lisboa, onde já estava em 28 de outubro, não regressando ao Regimento.

Poucos dias depois da partida do francês, apresentou-se no Regimento, a seu pedido, o major Luís Pinto de Sousa, que fez a guerra como capitão de cavalaria e, se bem que as suas biografias repitam que cursou Matemática em Coimbra, a respetiva Faculdade ainda nem sequer existia. Teria viajado por Itália, Alemanha e França e acompanhou caravanas como cavaleiro de Malta<sup>10</sup>. Foi mais tarde Secretário de Estado e Visconde de Balsemão. Apressou-se a comunicar a Lisboa as muitas carências referindo, quanto aos numerosos desertores, “tenho visto que alguns se têm recolhido ao Regimento depois de se proverem em sua casa do necessário, e outros se retiraram obrigados da pura miséria”<sup>11</sup>.

Só em finais de 1765, assumiu o comando o escocês, coronel Diogo (Ja-

---

para a infantaria, onde não era necessário estudo, tendo bons sargentos portugueses para os substituir. Em 16 de março de 1768, escreveu “ La plupart d’officiers étrangers du Regiment n’y ont pris parti que pour avoir du Pain; triste consideration!” (AHM, doc. 1/6/38/11/1-3). Não se deve desvalorizar a dificuldade da língua e as diferentes doutrinas militares de tão diversas origens. Talvez esteja aí uma das razões para a imposição, pelo Conde de Lippe, da total exclusividade dos livros fixados no Plano (Alvará de 15-07-1763).

<sup>9</sup>Em 29 de setembro de 1764.

<sup>10</sup>Chegou a Malta em 21 de março de 1752 com os navios e esquadra da “Religião”, de acordo com carta do Grão Mestre, o português Manuel Pinto da Fonseca, ao pai de Luís Pinto de Sousa, seu familiar. As caravanas contra os infieis podiam ser feitas nas galés ou no exército. Ainda assinou as primeiras cartas de Valença como “O Cavaleiro Luís Pinto de Sousa”.

<sup>11</sup>AHM, doc. 3/45/16/15. Procurando esclarecer a origem dos presumíveis conhecimentos de Matemática de Luís Pinto de Sousa, pedi auxílio ao Ex.<sup>o</sup> Senhor Visconde de Balsemão atual, o 8.<sup>o</sup>. Generosamente agradeço, mas que não esclarecem o ponto em dúvida. Sabe-se que se interessava pelas Ciências e dispunha de uma excelente biblioteca que, depois de largamente pilhada durante as invasões francesas e acrescentada pelos 2.<sup>o</sup> e 3.<sup>o</sup> Viscondes, foi confiscada pelos liberais para, com o espólio de vários conventos, dar origem à atual Biblioteca Pública Municipal do Porto.

mes) Ferrier, militar culto e bom matemático, muito apreciado pelo Conde de Lippe pelos seus conhecimentos artilheiros, mas inexperiente e pouco sensato para dirigir, em tempo de paz, uma unidade tão complexa e carente. Um pouco antes, tinha chegado o também pouco sensato capitão Galego Soromenho, protegido de Ferrier que o promoveu a Major, para logo depois estalar uma grave e duradoura situação de conflito entre ambos, culminada pela prisão de Soromenho, em casa e sem julgamento, durante seis anos!

Finalmente, só em outubro de 1767, chegou o suíço, tenente-coronel Miron de Sabionne, nomeado lente da Aula do Regimento, o qual também teve difíceis relações quer com Ferrier, quer com Soromenho<sup>12</sup>.

O Regimento de Artilharia do Porto, idilicamente debruçado sobre o Rio Minho, não foi, assim, a tranquila academia literária, filosófica e científica que geralmente se admite!

E Anastácio, terá sido logo notado pelo seu elevado nível de conhecimentos e capacidades relativas à Matemática?

Por feliz acaso, foi possível reunir a primeira informação periódica de cada um dos três comandantes iniciais.

A de D'Alincourt, bom matemático e depois conceituado lente do Regimento de Artilharia da Corte, no espírito de preparar as promoções por mérito de conhecimentos, ordenou os 19 oficiais que recebeu de acordo com a sua capacidade para fazer exame, colocando Anastácio em 1.º lugar e propondo-o logo para capitão (ver Quadro 3). Mas o que dá especial relevo a esta escolha é o facto de o ter colocado à frente de oficiais que no exército tinham a melhor formação matemática, com destaque para os 5 que, como referido, tinham terminado o curso da Academia Militar. O 2.º tenente João Batista Vieira Godinho, partidista da referida Academia, que recolheu as suas poesias, foi mais tarde lente em Goa, governador de Timor e general no Brasil, ficou-se pela 11.ª posição.

Esta mesma apreciação, ainda que não quantificada, foi assim confirmada pelo Major Luís Pinto de Sousa: “Tem excelente conhecimento científico e quantas boas qualidades se possam desejar”.

<sup>12</sup>Em 1768, Sabionne, na presença do Governador da Praça e do Coronel do Regimento, deu ordem de prisão a Soromenho! (AHM, doc. “Recopilação ...”). Em 1770, Ferrier apelidava Soromenho de “gaillard”, “miserable” e “faquin” (AHM, doc.1/6/16/2/9-10) e, no ano seguinte “Quant à ce fou de Miron ... detestable conduite ... lache de coquin et mon regiment ne sera jamais en repos tant qu'il y est” (AHM, doc 1/6/10/18), enquanto Soromenho escreveu a 7.ª carta ao Marquês de Pombal, acompanhada de 13 páginas de queixas do Comandante. Este, em 1773, referiu que havia três anos e meio não recebia o tenente-coronel a conversar (AHM. Recopilação ...). Passou-se isto e muito mais sob a inoperância de uma Corte centralizadora, desinteressada e muito distante.

POSTO E NOME	ORDEM	OBSERVAÇÕES
1.º TEN J. ANASTÁCIO DA CUNHA	1.º	PROPOSTO PARA CAPITÃO
1.º TEN LUÍS GUTERRES	2.º	CURSO DA ACADEMIA MILITAR. PROPOSTO PARA CAPITÃO
CAP FRANCISCO M. CURRALLES	3.º	PARTIDISTA DA ACADEMIA MILITAR.
CAP JOSÉ NUNES DA COSTA	4.º	CURSO DA ACADEMIA MILITAR
CAP ANT.º JOAQUIM DE OLIVEIRA	5.º	CURSO DA ACADEMIA MILITAR
1.º TEN MANUEL JOÃO MAKEMA	6.º	IRLANDÊS. SAÍU DO REGIMENTO
1.º TEN MIGUEL DO REGO PAIVA	7.º	CURSO DA ACADEMIA MILITAR. SAÍU DO REGIMENTO
1.º TEN MANUEL P. DO AMARAL	8.º	CURSO DA ACADEMIA MILITAR
2.º TEN DUARTE ELIZEAR DA CRUZ	9.º	PROMOVIDO POR DIOGO FERRIER A 1.º TENENTE
1.º TEN JOSÉ L. MILIANI DA CRUZ	10.º	BOM, PARA D'ALINCOURT E FERRIER
2.º TEN JOÃO B. VIEIRA GODINHO	11.º	PARTIDISTA DA ACADEMIA MILITAR

**Quadro 3** – *Ordenação da capacidade para exame por D'Alincourt*<sup>13</sup>.

Por seu turno, o Coronel Ferrier, tendo já mais oficiais, dos quais muitos estrangeiros, escreveu: “É um dos que no Regimento se acredita de ter mais ciência e um muito bom procedimento” (Para outras informações sobre os oficiais iniciais do Regimento de Artilharia do Porto ver o APÊNDICE).

Não sei se era já o reconhecimento da genialidade do autodidata, mas era, sem dúvida, a atestação de um invulgar nível de conhecimentos matemáticos. E esta aura de sabedoria foi confirmada quando, antes de 1768, o capitão de mineiros do seu Regimento, António Joaquim Oliveira, com o curso de engenheiro e mais tarde lente no Brasil, lhe pediu a sua “opinião sobre o que vários autores tinham publicado acerca das minas”, dando origem ao “Ensaio sobre as minas”, em boa hora descoberto e publicado pela Senhora Professora Fernanda Estrada. E na mesma linha, o Major Simão Fraser, por algum tempo agregado ao Regimento de Infantaria de Valença, mas que nunca foi capitão de mineiros, nem pertenceu ao Regimento de Artilharia, como se pensou, pediu-lhe, em 1769, a sua opinião sobre “Teórica

<sup>13</sup>Ordenação de setembro de 1764. Seguiam-se mais 8 oficiais.

da pólvora em geral, e a determinação do melhor comprimento das peças em particular”, dando origem à conhecida “Carta Físico-Matemática”, só publicada em 1838. De referir que Fraser devia ter bons conhecimentos de Artilharia porque Ferrier levou-o como tenente-coronel quando, em 1774, foi, pela segunda vez, organizar um Regimento de Artilharia no Algarve.

Passemos à segunda pergunta, isto é, em que medida contribuiu o Regimento e a sua Aula para o desenvolvimento dos conhecimentos e capacidades de Anastácio, na área da Matemática.

Sabemos que Valença constituiu a janela ímpar para o mundo esclarecido das Luzes que possibilitou o desenvolvimento do seu multi-facetado génio, mas deve dizer-se, sem rodeios, que a Aula nada lhe ensinou<sup>14</sup>, contrariamente ao que se tem admitido. O lente, Miron de Sabionne, só chegou em Outubro de 1767, teve de improvisar, à sua custa, um local para as lições e, até finais de 1768, só se dispôs do primeiro dos quatro tomos da tradução portuguesa do curso de Bellidor.

Diz-se que foi na biblioteca de Ferrier e nos conselhos deste erudito que Anastácio se apoiou para satisfazer a sua ânsia de conhecimento. E assim sucedeu, em várias áreas<sup>15</sup>, mas só depois de decorrido algum tempo, quando o comandante lhe reconheceu o mérito e se estabeleceram entre ambos relações amistosas e até de grande cumplicidade.

Para o Morgado de Mateus, foi o capitão Ricardo Müller, comandante da sua companhia de bombeiros, oficial estouvado, mas talentoso e conhecedor da Matemática e da Artilharia, quem primeiro facultou a Anastácio amizade, muitas ideias e alguns livros. Müller era filho do inglês John Müller, autor de várias obras de referência sobre artilharia, e foi este quem pediu a Ferrier que o trouxesse para Portugal por, devido às suas loucuras, lhe ter sido dada baixa de serviço no seu País<sup>16</sup>. Logo confirmou a sua irrequietude ao ser ferido, em duelo, pelo capitão e depois major Soromenho, originando uma duradoura situação de conflito entre ambos. Os duelos estavam na moda, Ferrier chegou a desafiar o seu tenente-coronel e até Anastácio teria recebido uma estocada!

Voltando aos livros do capitão Müller, principiou Anastácio pela *Álgebra* de Simpson, passou à *Arithmetica Universalis* de Newton e, depois, aos difíceis *Principia* do mesmo autor que foi vencendo à custa de muita paciência e meditação. Por este tempo, já Ferrier o dispensara da Aula e lhe abriu a sua

<sup>14</sup>É evidente que Anastácio aprendeu, no Regimento, a ser militar e a dominar as questões práticas da Artilharia. A referência negativa diz respeito à Matemática.

<sup>15</sup>Existe bibliografia que refere algumas rapaziadas, o poeta, o amante, o livre-pensador, o lente, o penitenciado da Inquisição, etc., mas não é desses aspetos que aqui se trata.

<sup>16</sup>AHM, doc. 1/6/19/16.

biblioteca, dando-lhe acesso a livros dos avançados matemáticos então em voga, dos autores de obras sobre Artilharia, Fortificação e outras Ciências, como muito bem se vê nas memórias que produziu. Terá também iniciado a escrita dos seus *Princípios Matemáticos*, com este ou outro nome. E é do conhecimento geral que leu igualmente inúmeros autores das luzes e clássicos, escreveu poesias, aprendeu várias línguas e fez traduções, mostrando em todos estes e outros domínios uma atualização espantosa e, convivendo naquela Babel com oficiais ilustrados de tantos países, seria, segundo alguns, um cosmopolita ou um estrangeirado sem passar a fronteira.

Finalmente, saltemos para o conhecido episódio de Almeida, com o Conde de Lippe, no seu regresso definitivo à Alemanha, em fevereiro de 1768. De acordo com Stokler, que só escreveu meio século mais tarde, Anastácio apresentou-lhe uma memória sobre Balística, a qual evidenciando o desrespeito pela imposição de não ler e até de possuir outros livros que os superiormente fixados<sup>17</sup>, causou o desagrado do Marechal que o mandou prender por alguns dias<sup>18</sup>. Depois, reconhecendo a falta de Justiça, deixou-o recomendado a Ferrier, apontando-o como digno de acesso na primeira promoção. Na versão de Anastácio<sup>19</sup>, a dissertação era sobre minas e foi entregue por alguém que julgava estar a fazer-lhe um grande bem, mas o Conde, ainda que se julgasse insultado e duvidoso de que aquele tenente desconhecesse a proibição, deixou recomendado que se lhe dobrasse o soldo e o adiantassem.

Não devo privar os presentes do prazer de lerem, mais tarde, a versão agora conhecida do Morgado de Mateus o qual, também não tendo estado presente, recriou vários diálogos então supostamente havidos. O Conde, extasiado com uma resposta de Anastácio, disse a Ferrier “que era necessário adiantar este oficial e dar-lhe soldo dobrado”. Ferrier, desejando fazê-lo ainda mais bem visto, levou Anastácio a escrever uma dedicatória na dissertação que entregou ao Conde, mas este, vendo criticados os autores que recomendara, disse irado ao tenente “Vous devez être chatié”.

Procurando, na documentação do tempo, reflexos deste episódio, encontrei, para minha surpresa, um intrigante bilhete de Miron de Sabionne, que

---

<sup>17</sup>Estes livros constam do Plano anexo ao Alvará de 15-07-1763, data anterior à dificultosa criação do Regimento. Existe no AHM repetida correspondência pedindo a profusa legislação da época do Conde de Lippe. Tal carência, aliada à desorganização existente em Valença, poderá justificar a afirmação de Anastácio de que no seu Regimento se ignorava a proibição, facto que, de acordo com todas as versões, muito irritou o Conde.

<sup>18</sup>Sabemos hoje que a memória era sobre as minas e é pouco provável que Anastácio tenha sido preso.

<sup>19</sup>TEIXEIRA, 1891–1892.

exigirá mais investigação: *Tenho a honra de recomendar à Vossa benevolência José Anastácio da Cunha, tenente de bombeiros. Remeti ao senhor coronel (Ferrier) uma obra que ele dedica a Sua Alteza*<sup>20</sup>.

Verifiquei, ainda, que Ferrier comunicou superiormente a promessa de soldo dobrado feita pelo Conde, pedindo apoio para esta justiça ao mérito e, em 1770, 1771 e 1772, propôs a sua promoção a capitão<sup>21</sup> mas, a essa altura, já tudo voltava à antiga ruína, e estando o Marechal longe, Anastácio nunca foi promovido a capitão, nem teve o soldo aumentado.

Ninguém duvida que este episódio e os elogios do general Mac Lean, contribuíram, de forma decisiva, para a fama de Anastácio que o levou à cátedra universitária. O influente general Simão Fraser (parente do major do mesmo nome) também se interessou pela obra de Anastácio e o padre Fóios, em carta de julho de 1772, já o via na Universidade, referindo diligências do tenente Vieira Godinho<sup>22</sup> para dar a conhecer a sua Aritmética Universal que, desta forma, teria chegado a Monteiro da Rocha. Para o Morgado de Mateus, Vieira Godinho abordou os irmãos Coutinho, obreiros da reforma da Universidade, os quais depois de obterem parecer favorável de Monteiro da Rocha, falaram a Pombal. Quis este o voto de Ciera que lhe reconheceu valor e o de Franzini, considerado, pelo Morgado, sem talento geométrico, que teria dito: “Para um principiante é pouco, para um mestre, nada”. Não é fácil conciliar estas versões com a necessidade que Pombal sentiu de comunicar ao Bispo Reformador que o general MacLean considerava Anastácio eminente na Ciência Matemática, sendo um daqueles homens raros que nas Nações cultas costumam aparecer.

Permitam-me que finalize com duas curiosidades.

A primeira, para dizer que Anastácio, em Agosto de 1773, recebeu ordem, sem indicação do motivo, para se apresentar, em Lisboa, ao Il.<sup>o</sup> e Ex.<sup>o</sup> Senhor Marquês de Pombal<sup>23</sup>. Deve ter sido o exame pessoal e definitivo do futuro lente!

A segunda, para contrariar a afirmação corrente de que João Manuel de

---

<sup>20</sup>O bilhete, escrito em francês, não tem data mas está digitalizado junto a uma carta de 7 de fevereiro de 1768. Depreende-se que Sabionne estava convencido que também ia partir (para a despedida ao Conde que saiu de Almeida a 1 de março?) e quando soube que não seguia, já só teria tido tempo de escrever o bilhete para acompanhar “toutes ces lettres”. De qualquer modo, ficam as perguntas: Seria intenção de Anastácio dedicar uma obra ao Conde de Lippe? Teria chegado a Ferrier e por este ao Marechal General?

<sup>21</sup>AHM, doc. 1/6/38/11/4-5; 3/45/16/17; 3/45/16/20-21.

<sup>22</sup>“João Baptista (Vieira Godinho) faz-lhe neste ponto todos os bons ofícios de grande amigo.”

<sup>23</sup>AHM, Livro 3218, p. 100.

Abreu<sup>24</sup> tinha convivido com Anastácio no seu Regimento. Efetivamente, foi só em 1776 que Ferrier, sabendo-o soldado recruta no Regimento de Infantaria, pediu a sua transferência, invocando que tinha todas as circunstâncias e requisitos para ser bom oficial de Artilharia e capacidade para os respetivos estudos<sup>25</sup>.

---

<sup>24</sup>O discípulo, amigo, companheiro de auto de fé e lutador pela publicação da obra de Anastácio.

<sup>25</sup>AHM, doc. 1/6/27/64/1-2. Abreu teria cerca de 7 anos quando Anastácio chegou a Valença.

**Apêndice - RESUMO DAS INFORMAÇÕES DOS OFICIAIS INICIAIS DO REGIMENTO DE ARTILHARIA DO PORTO**

POSTO E NOME DO OFICIAL	DO TEN-COR D'ALINCOURT Set. de 1764	DO MAJOR LUÍS PINTO DE SOUSA Fevereiro de 1765	DO CORONEL DIOGO FERRIER Janeiro de 1766	OBSERVAÇÕES
1.º Ten José Anastácio da Cunha	1.º capaz de exame. Proposto para capitão	Tem excelente conhecimento científico e quantas boas qualidades se possam desejar	É um dos que no Regimento se acredita de ter mais ciência e um muito bom procedimento	
1.º Ten Luís Guterres	2.º capaz de exame. Proposto para capitão	Tem princípios bastantes para a Artilharia e desenha muito bem; bom procedimento mas bastante doente	Tem bons princípios e desenha muito bem	Curso da Academia Militar
Cap Francisco Migueis Curralles	3.º. Inteligente e muito ágil para o serviço	Não tem princípios de Geometria. Tem bom procedimento	É homem de bom procedimento, porém não tem princípio nenhum para o serviço da Artilharia nem ...	Cap de Auxiliares. Partido da Academia Militar
Cap José Nunes da Costa	4.º capaz de exame	Possui todo o conhecimento para o bom serviço da Artilharia, desenha com perfeição e tem todo o zelo ...	Tem todo o conh.º próprio de um bom oficial da sua profissão e tem muito zelo e atividade mais que ordinária ...	Curso da Academia Militar
Cap António Joaquim de Oliveira (O capitão de mineiros)	5.º capaz de exame	Tem os fundamentos necessários para o serviço da Artilharia e bom procedimento	Tem os fundamentos necessários para o seu emprego, muita aplicação e bom procedimento	Curso da Academia Militar
1.º Ten Manuel João Makema	6.º capaz de exame	Sem informação	Sem informação	Irlandês. Deve ter saído.
1.º Ten Miguel do Rego Paiva	7.º capaz de exame	Sem informação	Sem informação	Curso da Academia Militar. Saíu.
1.º Ten Manuel Pereira do Amaral	8.º capaz de exame	Tem bastantes princípios científicos e muito bom procedimento	Tem muitos bons princípios e aplicação	Curso da Academia Militar
2.º Ten Duarte Elizear da Cruz	9.º capaz de exame	Tem os princípios necessários, muito bom procedimento, risca alguma coisa e é bastante exato ...	É um moço de muitos bons princípios, boa aplicação e esperança.	Promovido a 1.º Ten pelo Coronel Ferrier
1.º Ten José Leandro Miliani da Cruz	10.º capaz de exame	Tem muito boa capacidade, bom procedimento e administra muito bem a sua companhia	Tem muita boa capacidade para o serviço e aplicação e bom procedimento	
2.º Ten João Batista Vieira	11.º capaz de exame	Tem muitos bons princípios e risca muito bem e igual procedi.º	Muito bons princípios, capacidade e aplicação	Partido da Academia Militar
1.º Ten José António Migueis Curralles	12.º. Muito inteligente para as minas	Não me consta que tenha princípios da ciência	... que se não faz recomendável por alguma circunstância	Sarg-mor nos Voluntários Reais
2.º Ten Luís José Lobo	13.º. Muito inteligente	Tem princípios, risca bastantemente e administra muito bem a companhia ...	É de muito bons princípios, muita capacidade e aplicação	

POSTO E NOME DO OFICIAL	DO TEN-COR D'ALINCOURT Set. de 1764	DO MAJOR LUÍS PINTO DE SOUSA Fevereiro de 1765	DO CORONEL DIOGO FERRIER Janeiro de 1766	OBSERVAÇÕES
1.º Ten João Taupier de la Crois	14.º. Muito inteligente	Não tem conhecimentos geométricos; porém tem muita honra e bom procedimento	Medianos talentos, porém muita aplicação e bom procedimento	Francês. Tenente em França
2.º Ten Luís Harold	15.º. Muito inteligente para as minas	As suas contínuas moléstias me não têm permitido ocasião de conhecer a sua capacidade	Não recomendável por nenhuma circunstância. Não merece a honra de ser oficial de S. Maj.	Furriel francês ou espanhol
2.º Ten Feliciano Luís da Fonseca Guimarães	16.º. Capaz e inteligente	Não tem princípios nem uso do serviço. Porém, como é novo, é de esperar se aplicará ao estudo e obrigação	É homem de um talento medíocre e mostra pouca aplicação	
1.º Ten. Luís de la Surandiere	Sem ordenação atribuída. Matemático e algebrista	Tem princípios científicos para o serviço da Art. <sup>a</sup> ; e bastante talento para levantar planos e mais desenhos	Tem bastante talento e risca com perfeição todos os planos.	Desenhador da campanha em França. Francês
2.º Ten João de Gouveia Pimentel	Sem ordenação atribuída. Inteligente	Sem informação	Sem informação	Deve ter saído
1.º Ten Luís Rigaud	Desertou em Out.º de 1764			Português

## Fontes

Documentação do Arquivo Histórico Militar (AHM) referida nas notas.

FERRIER, Diogo, *Recopilação de factos acontecidos a respeito do Brigadeiro Diogo Ferrier, e alguns oficiais dos Regimentos que tem formado neste Reino*, Lisboa, 30 de abril de 1778, extenso manuscrito, AHM, processo individual, caixa 513.

MATEUS, 5.º Morgado de, *Anedoctas de J. A. d'C.*, manuscrito em francês existente no Palácio de Mateus, cuja publicação está em preparação, no âmbito do Projeto MAT<sup>2</sup>.

## Referências

- [1] *Actas do colóquio internacional seguidas de uma antologia de textos “Anastácio da Cunha 1744/1787, o matemático e o poeta”*, Lisboa, IN-CM, 1990.
- [2] BORRALHO, Maria Luísa Malato, “Some Dreams of Hymanity ... Vida e obra de José Anastácio da Cunha”, *José Anastácio da Cunha – Obras completas*, Porto, Campo das Letras, Vol. I, 2001.
- [3] BOTELHO, José Justino Teixeira, *Novos subsídios para a História da Artilharia Portuguesa*, Lisboa, Publicações da Comissão de História Militar, Vol. 1, 1944, Vol. 2, 1948.
- [4] *Collecção das leys, alvarás e decretos militares que desde o princípio do Reinado do Senhor Rey D. José o I ...*, Lisboa, 1794.
- [5] CORDEIRO, João Manuel, *Apontamentos para a História da Artilharia Portuguesa*, Lisboa, Typographia do Commando Geral da Artilharia, 1895.
- [6] COSTIGAN, Arthur William (pseud. de James Ferrier), MACHADO, Augusto Reis (trad., prefácio e notas), *Cartas de Portugal 1778–1779*, Lisboa, Edições Ática, 2 v, s/d, 1946. <sup>(26)</sup>
- [7] CUNHA, José Anastácio da Cunha, *Ensaio sobre as minas*, Braga, Arquivo Distrital de Braga, Universidade do Minho, 1994.
- [8] DUMOURIEZ, Charles, *O Reino de Portugal em 1766*, Casal de Cambra, Caleidoscópio, 2007.
- [9] FERRO, João Pedro (introdução, transcrição e notas), “O processo de José Anastácio da Cunha na Inquisição de Coimbra”, *Revista História* n.º 100, fevereiro de 1987.
- [10] MOTA, Filomena Ferreira Teodósio, *João Baptista Vieira Godinho (1742-1811) Governador e Militar*, Lisboa, Comissão Portuguesa de História Militar, 2005.

---

<sup>26</sup> O título original é *Sketches of society and manners in Portugal*. Já depois de feita a comunicação, tive conhecimento do interessante livro de Catarina Crespo Coelho Correia de Castro, *Um livro negro sobre o Portugal do Século XVIII*, Casal de Cambra, Caleidoscópio, 2007, no qual são analisados os referidos *Sketches*. Agradeço à Senhora Professora Doutora Maria Leonor Machado de Sousa a indicação e oferta desta obra.

- [11] RALHA, Maria Elfrida et al (org.), *José Anastácio da Cunha. O Tempo, as Ideias, a Obra e ... Os Inéditos*, Braga, Arquivo Distrital de Braga, Universidade do Minho, Centro de Matemática da Universidade do Minho, Centro de Matemática da Universidade do Porto, 2006.
- [12] RAMOS, Luís A. de Oliveira, “A irreligião filosófica na Província vista do Santo Ofício pelos fins do século XVIII”, *Revista da FLUP: História*, 05, pp. 173–188, 1988. <http://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/8616>
- [13] RAMOS, Luís A. de Oliveira, “A Fortaleza de Valença do Minho, foco de irradiação cultural ilustrada no século XVIII”, *Actas do III Colóquio da Comissão Portuguesa de História Militar*, Lisboa, pp. 125–142, 1992.
- [14] RAMOS, Luís A. de Oliveira, “Sobre os ilustrados da academia de Coimbra”, *Estudos em homenagem a João Francisco Marques*, FLUP, pp. 313–326, 2001. <http://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/8957?mode=full>
- [15] SANTOS, H. Madureira dos, *Catálogo dos decretos do extinto Conselho de Guerra*, Lisboa, Arquivo Histórico do Militar, 1961.
- [16] SILVA, Andrée Mansuy-Diniz, P, *ortrait d'un homme d'État: D. Rodrigo de Souza Coutinho, Comte de Linhares 1755–1812, I Les années de formation 1755-1796*, Lisbonne – Paris, Centre Culturel Calouste Gulbenkian e CNCDP, 2002.
- [17] TEIXEIRA, António José (Ed.), “Questão entre José Anastácio da Cunha e José Monteiro da Rocha”, *O Instituto*, Coimbra, Vol. 38, 1890–1891. [https://bdigital.sib.uc.pt/institutocoimbra/UCBG-A-24-37a41\\_v038/UCBG-A-24-37a41\\_v038\\_item1/P31.html](https://bdigital.sib.uc.pt/institutocoimbra/UCBG-A-24-37a41_v038/UCBG-A-24-37a41_v038_item1/P31.html)
- [18] TEIXEIRA, F. Gomes, “Elogio histórico do Doutor José Anastácio da Cunha”, *Panegíricos e Conferências*, Academia das Ciências de Lisboa, pp. 121–153, 1923.
- [19] VIEIRA, Belchior, “O ensino científico-militar em Portugal no século XVIII – Anastácio da Cunha, discípulo da Aula de Artilharia da Praça de Valença do Minho”, *Anastácio da Cunha 1744/1787 o matemático e o poeta*, IN–CM, pp. 7–17, 1990.